

ADORNO, Theodor W. **As Estrelas Descem à Terra:**  
**a coluna de astrologia do Los Angeles Times –**  
**Um estudo sobre superstição secundária.**  
São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

Débora Racy Soares<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> É doutoranda no programa de Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, com bolsa da FAPESP.

*As Estrelas Descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times – um estudo sobre superstição secundária* (São Paulo: Editora da UNESP, 2008, 194 p.), do filósofo alemão Theodor W. Adorno, chega às livrarias brasileiras em tradução de Pedro Rocha de Oliveira. Até então inédito por aqui, pois data do início da década de cinquenta, este estudo fundamental desdobra e amplia as reflexões contidas em obras anteriores, como a *Dialética do Esclarecimento* (1947), escrita com Max Horkheimer. Ao mesmo tempo, aquece o debate em torno das idéias da Teoria Crítica, que ganhou força em nosso meio acadêmico na década de sessenta, e definiu os rumos de boa parte da produção intelectual brasileira. *Malgré nous*, a atualidade destes estudos chega a ser desconcertante. Diante de nossa contemporaneidade midiática – e dos desafios reflexivos que ela apresenta – a desconstrução dos meandros da indústria cultural, levada avante por Adorno nestas *Estrelas*, pode funcionar como paradigma analítico-crítico.

A partir da “análise de conteúdo” de uma coluna de astrologia do *Los Angeles Times*, jornal americano conservador, Adorno procura desvendar como determinados “estímulos” são construídos de forma a “model(ar) o pensamento” dos leitores (p.39). Esta pesquisa foi desenvolvida quando o filósofo retornou à Califórnia, incumbido de coordenar estudos sobre a psicologia social da cultura de massas, para a *Hacker Foundation*, em *Beverly Hills*. Através da análise de amostras extraídas da coluna diária “Previsões Astrológicas”, escrita por Caroll Righter, entre novembro de 1952 e fevereiro de 1953, para o *Los Angeles Times*, Adorno resgata a inter-relação entre mito e esclarecimento (*Aufklärung*). Ao fazê-lo, dialoga principalmente com a *Dialética do Esclarecimento*, retomando tópicos anteriores. A reificação que nega a diferença, o pensamento calcado em estereótipos - *ticket thinking* – infantilizado ou regredido, a stendhalina *promesse du bonheur*, são dispositivos apropriados por esta coluna em sua constituição.

A pseudo-racionalidade inerente à coluna de astrologia, que funciona como manipulação ideológica a serviço do *status quo*, é desmontada ao longo do livro. Assim, passo a passo, o filósofo comprova que a crença na influência dos astros configura uma espécie de recaída no mito ou uma forma de regressão contemporânea legitimada pela indústria cultural. Portanto, não causa espanto perceber que as “estrelas” concordam “completamente com o modo de vida estabelecido e com os hábitos” da sociedade americana do início da década de cinquenta (p.77). A coluna é arquitetada de forma a disseminar certa “atitude de senso comum inquestionada”, muito propícia quando se trata de induzir à reprodução de determinados “modo(s) de pensar” (p.77). A “regra máxima da coluna” é “fazer cumprir as exigências que a sociedade coloca a cada indivíduo, de modo que ela possa funcionar” (p.76). No entanto, é interessante perceber que o provérbio “seja você mesmo” insiste em aparecer com força convocatória nesta coluna, apelando para a autonomia dos leitores (p.77). Tal contradição poderia até ser tomada de maneira irônica se não fosse tão pouco edificante. Por trás do imperativo emancipatório, mascara-se a autoridade do colunista: porta-voz dos anseios mais íntimos da indústria cultural. Através da criação da ilusão de autonomia, o apelo insidioso das estrelas penetra as massas com poderosa eficiência. Como demonstra Adorno, ao utilizar o “expediente da pseudo-individualização”, isto é, ao criar uma “aura de livre escolha”, o discurso do colunista aproxima-se daquele do “político demagogo” (p.62-63). A esta altura, cabe questionar: qual tipo de leitor seria presa fácil desta coluna?

Ao recorrer a Freud para desvendar a psicologia das massas e a constituição de egos enfraquecidos, suscetíveis aos encantos da ideologia, Adorno desvenda os intrincados mecanismos de sujeição, implícitos na coluna. A partir da imagem que o colunista constrói de seus leitores, aplica técnicas específicas que põem em curso alguns recursos já discutidos na *Dialética*, como a “mimesis da mimesis” e a “falsa projeção”. A coluna é fabricada de modo a fornecer as “gratificações” antes dos “aconselhamentos” (p.78). Assim, Carroll Righter modela um determinado “padrão ameaça-ajuda” que lida com as defesas narcísicas dos leitores, mobilizando vaidades e complexos de inferioridade (p.69). A partir deste padrão, o conteúdo da coluna é apresentado de forma a “fundir” o “ideal do ego do leitor” e sua “experiência realista do lugar” que “ocupa na vida” (p.82). Embora o leitor seja “projetado” de maneira bem

“realista” – como uma “pessoa fraca e dependente” – o “aconselhamento” sempre recomenda “alguma realização” (p.83). Portanto, ao enfatizar “não tanto o poder do ego real do leitor”, mas ao forçar sua “identificação” com “algum ego ideal sociabilizado”, o colunista leva seu leitor a “interpretar suas ações como se fosse alguém forte”, cuja atividade é significativa (p.83). Na verdade, a coluna constrói uma imagem de leitor “alto executivo preocupado” que não corresponde à imagem real do leitor “classe média baixa” (p.84). É como se esses leitores, cuja razão parece ter sido atrofiada diante do inebriante canto de sereias estreladas, se tornassem consumidores vorazes de uma “droga social” (p.74).

Ao longo do livro, Adorno desmonta um complexo maquinário astrológico, a partir da constatação de que, análoga à indústria cinematográfica, a astrologia tende a “eliminar a distinção entre fato e ficção” (p.21). Aliás, o título do livro - *As Estrelas Descem à Terra* – faz menção ao fato de o “Sr. Righter” ter ficado conhecido no meio cinematográfico fornecendo aconselhamento astrológico às estrelas de Hollywood (p.43). Por trás da crença em estrelas, reluz a falta de autonomia que acalenta a “fábrica dos sonhos” ideológica (p.20). Em um mundo administrado (*verwaltete Welt*), quando os sonhos – último reduto de liberdade dos indivíduos – são providos por fonte externa – triunfam as “agências de controle psicológico” (p.21). Portanto, a articulação do racional e do irracional, além de dar consistência a uma suposta verdade, contribui para a difusão da “irracionalidade do opaco e do inescrutável” (p.45). O apelo constante à razão dos leitores revela que, neste caso, “ser racional” significa “não questionar as condições irracionais, mas fazer o melhor possível com elas” (p.46). Além de causar dependência emocional em seus leitores, a coluna de Carroll Righter induziria à “cegueira obediente” (p.85). Cegueira que poderia ser aproximada à “neurose compulsiva”, como sugere Adorno, pois ambas partilham a adesão estrita a “alguma regra, comando ou recomendação, sem jamais ser(em) capaz(es) de dizer o por quê” (p.85). Assim, o “potencial compulsivo” dos leitores é constantemente reforçado pelo aconselhamento “proveniente das estrelas”, através da “abordagem bifásica” (p.85-87). Esta abordagem, inerente à coluna, é construída a partir de três dicotomias principais: “trabalho e prazer”, “ajustamento e individualidade” e “firmeza e dependência” (p.98, 109, 142). Dessa forma, transmite-se uma dupla impressão aos leitores que se submetem ao aconselhamento astrológico, porém têm a sensação de serem responsáveis por suas

escolhas. Embaralhando autonomia e dependência, através da “abordagem bifásica”, o colunista contribui para difundir a idéia da divisão do trabalho e propagar a “auto-alienação” (p.145).

Adorno constata que estas três dicotomias principais, para melhor convencer os leitores, estão ancoradas em determinadas “categorias do relacionamento humano” (p.148). Apelando para a “família e vizinhos”, por exemplo, o colunista “ajusta” seus leitores ao “trabalho”, ensinando que as horas de lazer devem ser dedicadas ao período da tarde (p.148). De acordo com a “abordagem bifásica”, as obrigações devem ocupar a parte da manhã, enquanto que a parte da tarde deve pertencer à “família” e aos “vizinhos” (p.148). Assim, a coluna é construída de forma a transmitir a seguinte mensagem: trabalho = punição = manhã, lazer = recompensa = tarde. À “família” e aos vizinhos cabe o “tempo livre” dos leitores que, por sua vez, são enredados numa teia de atividades de lazer insignificantes, tidas como “supostamente natura(is)” (p.149, 153). A “família” funciona como “agente de controle social dos impulsos instintuais do leitor” e, ao mesmo tempo, está associada às formas “institucionalizadas” de “prazer” e de “proximidade” (p.149, 152).

Os “amigos, especialistas e superiores” compõem a outra categoria de relacionamento que serve de suporte para a “suposição básica da astrologia”: a influência dos astros na vida humana (p.154). Assim, “conjunções amigáveis e hostis” são apresentadas aos leitores através da dicotomia “amigo-inimigo”, em consonância com a “abordagem bifásica” (p.154). Tal abordagem, além de remeter aos “tempos da bola de cristal”, também submete os leitores a uma “forma paranóica de pensar” (p.154-155). Os amigos são vistos como “alguém que aparece inesperadamente” e exerce uma “influência enorme”, como na “cartomancia” (p.155). São construídos na coluna, à imagem e semelhança do “Grande Irmão” e simbolizam a “autoridade coletiva”, pois são responsáveis por aconselhar os leitores em momentos críticos, de “falhas e fraquezas”, sobre “o que precisa ser feito, o que é melhor para ele(s)” (158, 160). Portanto, os amigos funcionam como uma espécie de “mensageiro da sociedade” e representam as “exigências do superego” (p.161). Os “especialistas” e “superiores”, embora aproximem-se dos “amigos” em sua configuração, apresentam algumas particularidades.

Os “especialistas” são apresentados como alguém que, por meio da “divisão universal do trabalho”, adquiriu um “conhecimento especial a respeito de alguma coisa” e, portanto, domina um saber específico (p.166). São verdadeiros “magos do mundo racionalizado”, cuja autoridade é inquestionável. (p.166). Os “especialistas” aparecem, principalmente, quando o colunista precisa lidar com o “conflito entre desejos e necessidades autoritários irracionais” dos leitores (p.166). Já os “superiores”, seguindo o padrão geral da coluna de “ajustamento aperfeiçoado”, figuram como alguém a quem os leitores devem obedecer em “praticamente todas as situações”, reconhecendo e “respeitan(do) a hierarquia” (p.165,168). Dessa forma, a “prática estimulada pela coluna” revela que os “conflitos devem ser completamente evitados ou resolvidos por intermédio de uma submissão ardilosa” (p.173).

“A astrologia finge basicamente que as estrelas determinam o que vai acontecer” (p.88). Ao fazê-lo, manipula vários elementos, principalmente o tempo, através da construção de um “esquema temporal” que funciona como “pseudo-solução para as dificuldades” (p.94). Assim, todas as contradições e conflitos que, porventura, não são resolvidos através da prática mencionada – evitação e submissão – devem ser “resolvidos pelo tempo”, sem que os leitores precisem “arriscar” tomar uma decisão (p.95).

Através da análise minuciosa da coluna de astrologia do *Los Angeles Times*, Adorno demonstra como as “necessidades de dependência dos leitores são pressupostas, estimuladas e exploradas de maneira contínua” (p.174). Porém, a astrologia, antes de ser interpretada de forma simplista, como “expressão da dependência”, deve ser entendida como “ideologia para a dependência” (p.176). Através de seus “profetas do engodo”, a astrologia responderia ao desejo dos leitores de atribuir sua própria dependência a “fontes superiores” (p.176). Ao fornecer “uma chave para tudo”, reduzindo “o que é complexo a inferências simples e mecânicas”, a astrologia, como os Estados totalitários, comete a “fraude básica” de relacionar, arbitrariamente, o que não está relacionado (p.177, 183). Assim, as estrelas descem à terra para encobrir “todas as causas profundas de angústias” e promover a “aceitação do que está dado” (p.187).

